

Narrar: uma Proposta para Análise da Prática Profissional em Saúde

Narrating: a Proposal for the Analysis of professional Health Practice

Ana Lucia Abrahão da Silva

Professora titular da Universidade Federal Fluminense
Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-0820-4329>
E-mail: abrahaoana@gmail.com

Magda Souza Chagas

Professora adjunta da Universidade Federal Fluminense
Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-3616-6745>
E-mail: magdachagas@id.uff.br

Resumo

Trata-se de um estudo reflexivo que explora o narrar como uma estratégia para a análise da prática profissional no campo da saúde. Foram discutidas questões acerca do narrar como registro do momento vivido, associado ao trabalho em saúde, com base no referencial teórico da Análise Institucional e em filósofos que se ocupam do campo da narrativa. Foi possível observar que há uma zona de aproximação teórica que sustenta a proposta de narrar a experiência como uma estratégia de análise da prática profissional. Dessa forma, para melhor compreender a relação do narrar com a prática de profissionais de saúde, foi fundamental o emprego de argumentos críticos que permitissem a compreensão do cotidiano dessa prática a partir do conhecimento e compartilhamento daquilo que é narrado.

Palavras-chave: Prática Profissional; Narrativa; Educação Continuada.

Abstract

It is a reflective study which explores narration as a strategy for the analysis of professional practice in the health field. Issues about narrating as a record of the moment lived associated with health work were discussed, guided by the theoretical framework of Institutional Analysis and philosophers who deal with the field of narrative. It was possible to observe that there is a zone of theoretical approach that supports the proposal to narrate the experience as a strategy for the analysis of professional practice. Thus, in order to better understand the relationship between narration and the practice of health professionals, the use of related arguments is essential, which allows the understanding of



the daily practice of professional practice, based on the knowledge and sharing of what is narrated.

Keywords: Professional Practice; Narrative; Education Continuing.

Área Temática: Saúde

Introdução

O cotidiano do trabalho em saúde, de modo geral, é produzido por profissionais em ações diárias que mobilizam diferentes tipos de saberes tecnológicos, buscando respostas às demandas dos usuários que chegam aos serviços de saúde. Entretanto a construção de atos de cuidado para os problemas apresentados é atravessada por muitas dúvidas, incertezas e é pautada em procedimentos e protocolos que ocasionam o apagamento da multiplicidade das dimensões existenciais que moldam os profissionais e sua prática no interior dos serviços de saúde. Isso porque deixa de lado o fato de que o cuidado é – e deve ser – produzido no ato, no encontro entre profissionais e usuários, no processo intercessor em que os envolvidos afetam e são afetados, ali no espaço entre sujeitos, espaço de suas interseções (Merhy, 2013).

Para Nespolo e Merhy (2018), os modos de existência do usuário são muitas vezes julgados e cercados por um saber dominante. Saber este no qual a própria equipe de saúde se encontra aprisionada, uma vez que não incorpora a singularidade de cada pessoa e vivencia a dificuldade de incluir no processo o fato de que usuários/pessoas detêm conhecimento e, por conseguinte, devem participar da proposta terapêutica a ser estabelecida.

Comumente, a prática profissional em saúde está apoiada no modelo biomédico, restringindo as necessidades de saúde a sinais e sintomas, a uma produção pautada em metas e procedimentos burocráticos que avançam, encobrendo a singularidade do usuário, exacerbando a fragmentação do cuidado e as dificuldades do trabalho em equipe, com pouco espaço para reflexão sobre o cotidiano. Isso pode ser denominado como repetição do mesmo, mais do que a construção e o olhar para a diferença, para o singular. A tentativa



de criar ou simplesmente incluir o singular, quando realizada, ocorre mediante as tensões internas e externas do próprio campo, formando um território denso, no qual a prática profissional ocorre.

Este projeto se insere na área temática de extensão da Saúde, especificamente na linha de extensão Saúde da Família, ao propor reflexões e intervenções que desafiem a lógica biomédica tradicional e fortaleçam práticas de cuidado mais integradas, sensíveis às singularidades dos sujeitos e ao cotidiano dos territórios.

O conhecimento das demandas do usuário na prática profissional pode subsidiar a tomada de decisão na construção terapêutica em si e constitui um dos elementos desse denso território, que se inicia no encontro entre usuário e profissional da saúde, incidindo diferentes forças e tensões, que atravessam e ressignificam esse ato, como, por exemplo, o que é escuta ou o que se deseja escutar. Diferentes processos são atravessados por tensões externas e, ao mesmo tempo, suportam as próprias tensões produzidas internamente.

A política de Educação Permanente (EP) tem se estruturado como uma possibilidade de discussão sobre o processo de trabalho. A EP se constitui como um aprendizado significativo que se estabelece no cotidiano das pessoas e organizações, a partir das dificuldades e potencialidades da prática, acolhendo o conhecimento e as experiências dos sujeitos. Ao propor que as ações de educação e desenvolvimento dos trabalhadores sejam direcionadas às demandas de saúde dos sujeitos e das populações, a EP possibilita transformar as práticas profissionais e a própria organização do trabalho (Figueiredo *et al.*, 2018).

De modo geral, os processos de EP em saúde constituem o fazer cotidiano das unidades de saúde, tornando visíveis as múltiplas experiências que constituem o território da saúde com seus fluxos de negatividade, positividade e neutralidade presentes na prática dos profissionais que operam o processo de trabalho (Figueiredo *et al.*, 2018). A distinção entre tais elementos não é imediatamente perceptível. Segundo Monceau (2015), ela é produzida pelo trabalho analítico ao qual os sujeitos envolvidos estão necessariamente associados.



A análise da prática profissional pode ser usada para diferentes finalidades: melhorar as decisões durante o processo de trabalho, ampliar a qualidade da assistência, provocar mudanças na organização, entre outras possibilidades. Esse movimento estabelece reflexão e crítica acerca de atos e ações dos exercícios cotidianos do trabalho em saúde. No entanto, entrar nesse processo de análise requer pausa (tempo), observação de si mesmo e olhar distanciado para o fazer, que, com frequência, torna-se repetitivo, rotina.

A narrativa auxilia na constituição de memória coletiva e de conhecimento, e sua experimentação ocorre tanto na transmissão oral quanto na escrita. Sendo assim, é uma ferramenta que pode ser útil à análise do processo de trabalho, uma vez que inclui alguns elementos, como tempo, observação, reflexão e escuta. O narrar permite, a partir de uma ação concreta, alcançar elementos profundos da prática, dos atos produzidos em torno do cuidar, explorando a experiência dos profissionais. O contar presentifica o vivido, reconhecendo outras possibilidades de estar e ser.

Para Oliveira *et al.* (2016), as narrativas possuem papel primordial na interação do sujeito e sua consciência, possibilitando-lhe refletir sobre o tipo de oferta de cuidado de saúde que pode produzir. Trata-se de uma das poucas relações feitas em que o encontro entre usuário e profissional incorpora a potência de expansão para além dos muros dos serviços de saúde.

Este artigo busca explorar o narrar como uma estratégia para proporcionar ao trabalhador da saúde a possibilidade de reflexão sobre os seus atos de cuidado no desenvolvimento da prática profissional. Ao se inscrever na área temática da Saúde e na linha de extensão Saúde da Família, a proposta reafirma o compromisso da extensão universitária com a articulação entre o ensino, a pesquisa e as demandas concretas dos territórios. As ações na extensão se mostram fundamentais por promover a escuta sensível, o diálogo entre saberes e a problematização das práticas, contribuindo para a formação crítica dos profissionais e para o fortalecimento do Sistema Único de Saúde (SUS). Nesse sentido, este projeto busca sustentação em alguns autores do campo da Análise Institucional e da filosofia para estabelecer alguns caminhos possíveis para a análise das práticas dos trabalhadores em saúde.



Sobre a construção da reflexão

Trata-se de um estudo de reflexão teórica, um conhecimento descritivo organizado com base na prática profissional em saúde. Esse exercício se fundamenta na Análise Institucional, que compreende uma determinada realidade social e organizacional, a partir dos discursos e das práticas dos seus sujeitos (L'Abbate, 2012), da análise dessas práticas (Monceau, 2015) e dos estudos de Benjamin (2012), filósofo da Escola de Frankfurt, especialmente em sua obra “O Narrador”, além de outros autores que tratam também de narrativa e da percepção das autoras a respeito do assunto abordado.

Buscou-se discutir o ato de narrar em sua base filosófica, alinhado à análise da prática profissional. O texto se organiza em duas seções, com discussão acerca de suas temáticas: “Sobre narrar”, que apresenta o ato de narrar de modo amplo na sociedade; e “Narrativa como ferramenta de análise da prática”, que procura situar o interesse e o lugar das narrativas no cotidiano do processo de trabalho em saúde.

Tendo em vista se tratar de um estudo que se fundamenta numa reflexão teórica, não será necessária a sua apreciação por Comitê de Ética, uma vez que o artigo 1º, inciso VII da Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde, informa que toda pesquisa realizada exclusivamente com textos científicos para revisão da literatura científica não será registrada nem avaliada pelo sistema CEP/Conep.

Sobre narrar...

Narrar é contar algo vivenciado que se deseja compartilhar, um acontecimento que tem intensa relação com o escutar o que é narrado e transmitir para outros. Como apontado por Benjamin (2012), existe intensa relação entre o narrar e o escutar:

Quanto mais o ouvinte se esquece de si, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las. Assim se teceu a rede em que está guardado o dom narrativo (Benjamin, 2012, p. 205).



É um movimento que nos abre diferentes possibilidades de caminhos e de construções imagéticas relacionadas ao nosso cotidiano, à nossa experiência de estar no mundo. Ao nos aproximarmos dessa dinâmica, encontramos espaço para escutar, falar e refletir sobre o vivido. Um movimento que nos desvencilha de tudo o que encobre o real, que é brando, mediano, dando passagem e alargando a nossa humanidade.

Narrar presentifica o vivido, reconhecendo outras possibilidades de estar e ser. Segundo Benjamin (2012), a narrativa é uma escrita no tempo presente, no ato, em que está confiado à memória o destino das coisas passadas em uma ampliação do presente. Presente que é trânsito entre vocalização, o dar voz, o que “dá visibilidade” ao acontecimento, tomando a construção da narrativa como aquilo que irá narrar o já vivido e a expectativa do que virá (Chagas, 2016). Ou, como afirma Ricouer (2012, p. 18), “pôr o passado e o futuro no presente, por intermédio da memória e da expectativa”. Isso em si é aprofundar e se aproximar do encontro, do que é produzido nele. O produto do encontro acontece no ato, nem antes e nem depois. Todas as ferramentas que antecedem o encontro e preparam para ele (sociais, de comunicação, saúde, cultura e outras) terão validade e importância quando e se articuladas no ato e para o ato. Ali, na tênue linha do acontecimento, mora o ato entre o planejamento e a realização em si.

Narrar é um registro que se estabelece no momento em que se vive ou pensa. Uma construção narrativa, uma grafia que se realiza em ato e que, mesmo centrada sobre um tema, não impede que ocorra o atravessamento de outras perspectivas no contexto do que está sendo narrado. Uma construção que acomoda em sua estrutura as influências do momento vivido, associando no ato os fatos dos demais aspectos que povoam a ideia narrada, sem que a centralidade do tema se perca. Acomoda as influências que advêm do externo, de forma a ampliar e alargar as possibilidades da narrativa.

Nesse sentido, narrar é uma produção coletiva, uma ação bilateral. Em sua essência, a palavra é um ato bilateral. Ela é determinada tanto por aquele de quem ela procede quanto por aquele para quem se dirige. Como palavra, ela é justamente o produto das inter-relações do falante com o ouvinte. Toda palavra serve de expressão na relação entre sujeitos em suas interseções. Na palavra, damos forma a nós mesmos do ponto de vista



do outro e, por fim, da perspectiva da nossa coletividade. Sendo assim, a palavra é uma ponte que nos liga ao outro. Ela apoia uma das extremidades em nós e a outra no interlocutor. Portanto, a palavra é o território comum entre o falante e o interlocutor (Volóchinov, 2017).

Como produção coletiva, o narrador relata a sua experiência e, também, a experiência de outros coletivamente, vivida na família, na região onde mora, no país, na cultura, na religião etc., assim como de outros que o antecederam. Desse modo, a experiência de narrar, de construir um registro sobre o tempo presente é algo produzido coletivamente. “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros” (Benjamin, 2012, p. 214). Destarte, como um verdadeiro tecelão, o narrador tece com diferentes fios a experiência presente no momento vivido, provocando sensações e reflexões.

Pode-se entender, então, que o ato de narrar opera sobre dois eixos: duração e intensidade. A duração é o próprio presente, um processo contínuo. Nesse sentido, Spinoza (2019, p. 5) salienta que “a duração é uma continuação indefinida da existência”. A narrativa está escrita no presente e, na existência, permanece, dura no ato de narrar, como uma construção de memória. Associada à duração, a intensidade se vincula à capacidade de podermos perceber sensações físicas a respeito de algo que está sendo narrado, como sendo e compondo a sensibilidade, aquilo que nos afeta, como “[...] o elemento que engendra a sensibilidade” (Silva, 2017, p. 25).

O filósofo Bergson (2006) trabalha com o conceito de duração e pode contribuir para pensar esse conceito articulado com a narrativa como: “um leve esforço de atenção revelar-me-ia que não há afeto, não há representação ou volição que não se modifique a todo instante; se um estado de alma cessasse de variar, sua duração deixaria de fluir” (Bergson, 2006, p. 2).

Narrar permite ser afetado pelo que está sendo narrado no próprio presente. No ato que se relaciona no cotidiano, em um processo em que se aceitam, “então, a espontaneidade e eventualmente a força dos sentimentos, [...] enfim, a falta de



distanciamento” (Hess, 2006, p. 96), entre quem narra e quem ouve. Uma aproximação com capacidade de intercambiar experiências.

Esse intercâmbio de experiências do espontâneo é cada vez mais raro em nosso meio. “A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação” (Benjamin, 2012, p. 203). Nesse sentido, a narrativa vem na contramão, pois ela evita explicações. Cabe ao leitor/ouvinte construir e elaborar as suas próprias explicações. Um exercício que permite que a criatividade flua do narrador ao leitor/ouvinte.

O leitor, ou a pessoa que ouve o narrador “[...] é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação” (Benjamin, 2012, p. 203). Assim sendo, narrar é ter uma função, uma utilidade, algo que ensina. Sua abordagem pode ser temática – multirreferencial, permitindo ser lido/ouvido sob diferentes ângulos: individual, interindividual, grupal, institucional, organizacional. O narrado se acopla à experiência do leitor/ouvinte. No entanto, para que a narrativa aconteça e tenha sua potência incorporada, para que ela ganhe espaço e existência, é preciso que o tempo seja tecido e incorporado nos encontros. O tempo é tecido de sustentação da narrativa, assim como a escuta é a linha que costura. A narrativa vive no campo da escuta.

Narrativa como ferramenta de análise da prática

A prática em saúde possibilita uma ação concreta de profissionais em torno das necessidades individuais e coletivas dos usuários dos serviços de saúde, visando à produção social da vida e defendendo-a. No entanto, observa-se que há um potencial vinculado a todos os profissionais em uma articulação coletiva, elevando a capacidade resolutiva dos serviços. Isso se faz, sobretudo, reestruturando os processos de trabalho e



potencializando o “trabalho vivo em ato”¹, como fonte de energia criativa e criadora sobre o objeto real do trabalho em saúde.

Nas construções de atos de cuidado, alguns elementos são utilizados, ou mesmo pouco utilizados, como é o caso da narrativa, que está presente em grande parte do tempo na área da saúde, mas não necessariamente utilizada como desdobramento na ou para reflexão. Se “[...] a verdade é que mudamos sem cessar e que o próprio estado já é mudança” (Bergson, 2006, p. 2), na sequência, podemos pensar em que momento ou como podemos construir espaços de percepções dos acontecimentos e adotá-los como espaços de construção coletiva ou individual de conhecimento. A narrativa opera de certa forma com a duração, uma vez que, ao construir a elaboração mental na escrita, ou na forma oral, configura-se como uma tomada de consciência da mudança; a pausa provoca reflexão, provoca parar e olhar com detalhe para os processos que estão em curso e não percebemos.

Imaginemos uma linha reta, indefinida, e sobre essa linha um ponto material A que se desloca. Se esse ponto tomasse consciência de si mesmo, sentir-se-ia mudando já que se move: perceberia uma sucessão. Mas essa sucessão se revestiria para ele da forma de uma linha? Sem dúvida que sim, contanto que ele pudesse elevar-se de algum modo acima da linha que percorre e perceber nela simultaneamente vários pontos justapostos: isso, porém, o levaria a formar a ideia de espaço, e é no espaço que veria desenrolarem-se as mudanças que sofre e não na pura duração. [...] Mas quem não vê que, para perceber uma linha sob forma de linha, é preciso colocar-se fora dela [...] (Bergson, 2006, p. 11).

Assim, a narrativa pode operar certo olhar de fora. Momento em que a pessoa pausa e reflete sobre o seu agir, sobre a rotina, sobre a repetição e, assim, surge a possibilidade de produzir e/ou perceber a diferença. Nesse caso, a narrativa pode ocupar o lugar e exercer papel de alteridade, quando a mesma ganhar corpo na construção escrita, por exemplo, e, na leitura ou na releitura, a reflexão convida novos olhares, deslocamentos e considerações, quando a leitura carrega novos olhares ao acontecimento e, assim, outras experimentações e caminhos.

¹ “Trabalho vivo em ato” é o trabalho humano no exato momento em que é executado e que determina a produção do cuidado no campo da saúde.



O ato vivo produzido se ancora nos pertencimentos sociais aos quais nos vinculamos e com os quais nossas ações ganham materialidade nas instituições a que pertencemos, como: família, profissão, posicionamento político, religião etc. Os profissionais de saúde estão ligados e reproduzem essas instituições, mesmo que não sejam a sua opção durante o trabalho cotidiano em saúde. Então, podemos afirmar que estamos implicados com essas e outras instituições durante todo o tempo.

Trabalhar com a narrativa como ferramenta para processar a prática no cotidiano de trabalho em saúde abre a possibilidade de entrar em contato com as instituições que compõem o trabalho em saúde. Encarar dessa forma a atividade de narrar é aceitá-la como prática libertadora (Freire, 1997), fundamentada em relações dialógicas, em que a problematização, a relação ação-reflexão-ação transformadoras são o eixo básico desse processo.

Destarte, o trabalho em saúde, sobretudo, estabelece experiências profundas durante o encontro entre o trabalhador e o usuário, uma trama real e cotidiana que ocorre na prática dos profissionais, envolvendo um fazer materializado em implicações, elementos constitutivos das relações coletivas.

Em 1981, René Lourau publicou *Le lapsus des intellectuels* (O lapso dos intelectuais), um livro no qual estabelece uma análise dos discursos de vários intelectuais e do seu próprio discurso, que contribuiu de forma fundamental para a construção do conceito de implicação. Lourau identifica, a partir de seus estudos, elementos de ordem pessoal, presentes durante o trabalho que ele desenvolvia, ou seja, parte daquilo que ele defendia e mobilizava – como profissional, pai, entre outros papéis – estava presente e compunha as ações e decisões que ele desenvolvia durante o trabalho. No sentido que Lourau (1981) aponta, a prática cotidiana dos profissionais de saúde é estabelecida e constituída de ações em que não há neutralidade, pois se encontram sempre implicados no vivido. Implicações que constituem a sua experiência, seu modo de se relacionar com o outro. Logo, a prática profissional se estabelece com base nessa dinâmica processual.

[...] ela é constituída do conjunto de atualizações das implicações profissionais de um sujeito, principalmente das falas, dos escritos e dos atos. A prática profissional



é, mais amplamente, toda prática social, incluindo maneiras de se relacionar com os outros membros da profissão (e, ou, com outras instituições envolvidas na profissão), de pensar essas relações e de lhes atribuir sentidos e valores. É assim que os profissionais se reconhecem entre eles, pelos elementos implícitos, compartilhando os elementos comuns de subjetividade (Monceau, 2015, p. 198).

O compartilhamento sobre a dinâmica e a produção da prática profissional pode se constituir como “a tomada de consciência de um vivido, numa situação em condições semelhantes, permite nomear e estruturar o momento [...] e o identificar de novo, a partir de seus critérios conhecidos, ligados aos elementos constitutivos de sua situação” (Hess, 2006, p. 97). Torna-se uma forma de análise da prática profissional.

A análise das práticas profissionais “[...] permite o conhecimento da vivência cotidiana de campo (não o ‘como fazer’ das normas, mas o ‘como foi feito da’ prática)” (Lourau, 1993, p. 89). Compartilhar o vivido amplia a possibilidade de pensar as relações elaboradas no trabalho e de lhes atribuir sentidos e valores, constituindo, dessa forma, novos arranjos sobre o cuidado e a prática junto ao usuário. A reflexão sobre as experiências dos profissionais de saúde, realizada em grupo, leva-os ao lugar de quem narra os registros produzidos no trabalho vivo em ato, as intencionalidades e interlocuções entre profissionais e usuários, responsabilizando-se pelas atividades e ações produzidas.

Profissionais da saúde são operadores de narrativas. Recolhem as histórias narradas e compartilhadas por usuários e, a partir delas, criam as próprias narrativas orais ou escritas. Assim se constitui o espaço da clínica, bem como ganharam e ganham corpo os encontros entre profissionais e usuários. No entanto, mesmo como parte estruturante e organizadora do agir profissional, narrativas como reflexão, como possibilidade para conhecer o contexto cultural da saúde, ou mesmo como ferramenta de pesquisa são algo recente. Diferentemente de pesquisas em que viés (epidemiologia ou estatística) é visto negativamente, na pesquisa narrativa, a direção oblíqua, ou mesmo a distorção aleatória é a possibilidade de acessar o sentimento de uma pessoa e sua maneira de viver e estar no mundo (Nunes, 2018).

Narrar pode ser também um modo de registro escrito, em que o ato de escrever pode ser o passaporte que nos leva em direção à compreensão do mundo, à reflexão sobre a



vida. O traço que é escrito em uma folha de papel atravessa o tempo, circula no imaginário, é lido e permite releituras. Muitas das vezes, é na releitura que encontramos algo que nos escapou da primeira vez, mas que é profundamente interessante e inovador (Abrahão, 2004). A narrativa, associada à prática profissional, potencializa a capacidade de análise do processo de trabalho e, ao mesmo tempo, dá visibilidade aos sujeitos em ato.

Tornar-se sujeito do processo de escrita é entrar progressivamente numa elaboração, em uma construção do sujeito e do objeto que passa por um trabalho, sobre o que nos constitui tanto no nível imaginário quanto no real. A escrita é também uma forma de analisar a articulação das diferentes dimensões, indo do individual ao coletivo, como um narrador que destaca a experiência da prática, narrando o próprio presente, implicado em suas ações. Pode-se perguntar se a relação entre o narrador e sua matéria – a vida humana – não seria ela própria uma relação artesanal. Não seria sua tarefa trabalhar a matéria-prima da experiência – a sua e a dos outros – transformando-a num produto sólido, útil e único? (Benjamin, 2012).

São várias as possibilidades de construção de narrativas. Aqui, ocupamo-nos um pouco mais em especial com a narrativa escrita. É um convite à reflexão acerca dos atos de cuidado dos profissionais da saúde. Consideramos que a narrativa escrita trabalha sobre a experiência profissional como uma ferramenta para a análise da prática, transformando-a, dando sentido ao que é produzido. Se alguma coisa nos anima a escrever é a possibilidade de que esse ato de escritura, essa experiência em palavras nos permita liberar-nos de certas verdades, de modo a deixarmos de ser o que somos para ser outra coisa, diferentes do que vimos sendo (Nunes, 2018).

O sentido da escritura, associado à análise das práticas, amplia a transformação sobre o que sabemos, dando sentido e ressignificando o trabalho cotidiano. Podemos dizer que estabelecemos uma restituição escrita sobre a prática, um tipo de reflexão própria do escrever, o que amplia a continuidade das experiências produzidas e a atrela à capacidade de apreender sensações físicas a respeito do cotidiano, deparando-se com as fragilidades e as resistências do trabalho em saúde.



Quando a narrativa é lida posteriormente, com distanciamento temporal, torna-se um banco de dados interessante sobre processos, atividades e tecnologias que são empregadas no trabalho. Possui uma capacidade antecipadora, pois descreve seu cotidiano, e seu trabalho de observação faz notar fatos que, ainda que estejam presentes, não estão visíveis. É na releitura que ampliamos a capacidade de análise da prática profissional, uma vez que pode provocar e atuar como alteridade. É uma amplificação presente na intensidade do ato.

De maneira geral, as narrativas possibilitam uma escrita transversal, com diversos registros, que permitem explorar a complexidade do tema em questão, mesmo se tratando de uma escrita fragmentada, pois, como afirmou Hess (2006, p. 91), “a redação do vivido é sempre limitada. Não é possível dar-se conta de forma exaustiva do cotidiano”. Ou, como aponta Deleuze (2019), escrever é salutar e a pessoa que escreve é cuidador de si e do coletivo.

Considerações finais

O alinhamento teórico entre os elementos que formam o ato de narrar com a análise da prática profissional amplia as possibilidades de construções e perspectivas sobre as diferentes formas de estabelecer relações entre os profissionais da equipe envolvida com processos de trabalho em saúde e usuários, mas também cria uma atmosfera favorável à inovação das práticas em saúde.

Analisar as práticas de saúde a partir das narrativas é um convite a refletir sobre o tipo de oferta de cuidado que os profissionais de saúde têm realizado e que podem produzir, relacionando com a vida do usuário. Trata-se de um processo com potência de expansão da análise para além dos muros dos serviços de saúde. Reconhecer, por exemplo, que a experiência que é narrada se configura como um ponto importante na vida do trabalhador e do usuário possibilita ampliar inúmeras conexões que podem ser incluídas na elaboração do processo terapêutico.



Profissionais, usuários dos serviços e seus familiares vivem e produzem cuidado nos encontros, no ato, na relação entre sujeitos, nos espaços intersubjetivos onde ocorre concomitantemente a construção de subjetividades e a afirmação de sujeitos, e, assim, dá-se a possibilidade de ressignificar e revalorizar o cuidado. Analisar cuidadosamente as narrativas elaboradas na cena do encontro, ou mesmo a partir dela, pode significar não apenas a transformação na produção terapêutica, mas também incorporação potencial do esvaziamento de si e da escuta interessada no outro à prática do que parece simples, banal e sensível.

Incorporar o ato de narrar como ferramenta de análise da prática profissional no processo de trabalho em saúde é reconhecer a possibilidade de mudança no paradigma hegemônico no campo da saúde. Uma ação de Educação Permanente orientada pela narração das demandas de saúde dos usuários e das implicações dos profissionais torna-se a construção de um espaço em que estes elementos podem contribuir para a transformação das práticas profissionais e da própria organização do trabalho.

Contribuição das autoras

As autoras foram responsáveis por todo o processo de elaboração, desde a concepção da proposta, até a revisão final do manuscrito. As autoras aprovam o manuscrito final para publicação.

Referências

ABRAHÃO, A. L. S. **A produção da subjetividade e gestão em saúde**: cartografias da gerência. 2004. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

BENJAMIN, W. **O narrador**: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. São Paulo: Brasiliense, 2012.



BERGSON, H. **Memória e vida**. Textos escolhidos por Gilles Deleuze. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

CHAGAS, M. de S. **Chamei a morte para a roda ela quis dançar ciranda, mudança: estudo descritivo do processo de cuidar diante da finitude**. 2016. Tese (Doutorado em Clínica Médica) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

DELEUZE, G. **Crítica e clínica**. São Paulo: Editora 34, 2019.

FIGUEIREDO, E. B. L. *et al.* Efeito pororoca na educação permanente em saúde: sobre a interação pesquisa-trabalho. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, DF, v. 71, n. 4, p. 1872-1877, 2018.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

HESS, R. (org.). **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

L'ABBATE, S. Análise institucional e intervenção: breve referência à gênese social e histórica de uma articulação e sua aplicação na saúde coletiva. **Mnemosine**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 194-219, 2012.

LOURAU, R. **Les lapsus des intellectuels**. Paris: Privat, 1981.

LOURAU, R. **René Lourau na UERJ: análise institucional e práticas de pesquisa**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1993.

MERHY, E. E. O cuidado é um acontecimento e não um ato. **EPS**, [s. l.], 2013. Disponível em: <https://eps.otics.org/material/entrada-outras-ofertas/artigos/o-cuidado-e-acontecimento-e-nao-um-ato/view>. Acesso em: 20 jul. 2023.

MONCEAU, G. Técnicas socioclínicas para a análise institucional das práticas sociais. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 21, n. 1, p. 197-217, 2015.

NESPOLO, G. F.; MERHY, E. E. Trabalho em saúde: biomedicalização de quem cuida. **Saúde em Redes**, Porto Alegre, v. 4, n. 2, p. 9-18, 2018.

NUNES, E. D. A pesquisa narrativa em saúde. **Interface**, Botucatu, v. 22, n. 64, p. 307-312, 2018.

OLIVEIRA, C. M. *et al.* A escrita de narrativas e o desenvolvimento de práticas colaborativas para o trabalho em equipe. **Interface**, Botucatu, v. 20, n. 59, p. 1005-1014, 2016.

RICOUER, P. **Tempo e narrativa: a intriga e a narrativa histórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2012. v. 1.



SILVA, C. V. Intensidade e individuação: Deleuze e os dois sentidos de estética. **Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea**, Curitiba, v. 29, n. 46, p. 17-34, 2017.

SPINOZA, B. **Ética**. São Paulo: Lebooks, 2019.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Editora 34, 2017.